

"Mulher Preta, Pobre, É Só Pra Votar": A Reivindicação Do Feminismo Negro Nas Rimas De Negra Mari¹

Ana Laura Gomes Cunha²

Francisco Carlos Guerra de Mendonça Júnior³

Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

RESUMO

A pesquisa analisa como a rapper e produtora cultural Negra Mari utiliza o rap como instrumento de denúncia contra o racismo e o machismo, reivindicando os direitos das mulheres negras. A partir da análise de discurso de letras como “Amélia Vs Geni”, “Preta Latina” e “Preces”, o estudo investiga os sentidos políticos presentes em suas composições, utilizando referenciais teóricos do feminismo negro como bell hooks, Hill Collins & Bilge e Matsunaga. O estudo evidencia as letras de Mari como ferramenta de resistência e transformação sociopolítica no contexto conservador de Rondônia, destacando seu papel como liderança periférica e feminista negra na cena do hip hop.

PALAVRAS-CHAVE: Rap; feminismo negro; Rondônia; Negra Mari.

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta as contribuições da rapper e cineasta Negra Mari no combate ao machismo e ao racismo. A artista atua em Rondônia, um local de caráter conservador, sendo o único estado do Brasil em que o candidato de extrema-direita Jair Bolsonaro venceu as eleições em todas as cidades nas últimas duas eleições presidenciais (2018 e 2022). O estado também tem uma forte influência evangélica, prova disso é que até 2020 havia um feriado específico para esta religião, o Dia do Evangélico, celebrado no dia 18 de junho. Outro aspecto que denota a opressão sofrida pelas mulheres é o fato de Rondônia ser também o estado com o maior número de

¹ Trabalho apresentado no **GT7 - Comunicação e Epistemologias Antirracistas e Afrodiaspóricas na Amazônia**, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Rondônia. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na mesma instituição. Membro do grupo de extensão e pesquisa BARRAS - Bloco de Ações em Rap, Rádio e Ausências Sonoras. E-mail: analaugc46@gmail.com.

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra, Professor do curso de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Rondônia. Coordenador do grupo de extensão e pesquisa BARRAS - Bloco de Ações em Rap, Rádio e Ausências Sonoras. E-mail: carlos.guerra@unir.br.

vítimas de feminicídio. Essa informação é do estudo “Cartografias da Violência na Amazônia”, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, divulgado em dezembro de 2023.

Nesse cenário, observamos que o controle social sofrido pelas mulheres tem derivações nos âmbitos social, educacional e profissional. Na trajetória de Negra Mari, observamos a presença de um controle no âmbito familiar, já que a religiosidade da família e a posição de líder da família vivida pelo pai influenciaram em momentos que desencorajaram a artista a seguir na carreira artística. Complementarmente, ela recebeu retaliações no mercado de trabalho, devido ao seu posicionamento político progressista.

Ao mesmo tempo em que algumas dificuldades foram enfrentadas, Negra Mari conseguiu se tornar uma liderança, ao criar a sua própria produtora e também liderar projetos como eventos de rap e de poetry slam, documentário, lançamento de discos e ainda atuar diretamente com jovens no âmbito social e educativo.

Neste trabalho, apresentamos as contribuições trazidas em três letras de rap de Negra Mari, mostrando como as lutas dela são refletidas em sua atuação civil e sociopolítica. Seleccionamos letras que fazem um recorte específico das composições que mais enfatizam as denúncias contra o machismo e o racismo na carreira da artista.

Metodologia

Optamos em utilizar o método da entrevista semiestruturada no âmbito desta pesquisa, baseado nas contribuições de Boni & Quaresma (2005), pois as autoras entendem que se trata de uma metodologia que garante a possibilidade do entrevistado discorrer de forma livre sobre a sua trajetória específica, a partir de questionamentos pensados para os perfis específicos. Ao mesmo tempo que existe um planejamento prévio do entrevistador, garantido pelas perguntas fechadas. As perguntas fechadas garantem um comparativo com outras rappers mulheres de Rondônia, já que este artigo faz parte de trecho de um livro (não publicado) em que são abordados perfis jornalísticos de cinco mulheres negras que são protagonistas do hip hop em Rondônia..

Foram feitos contatos presenciais com a artista e acompanhamento de um show dela em Porto Velho, na final do Slam Rondônia, no dia 02 de outubro de 2023. Todavia, a artista não teve mais compromissos na capital, durante o período de efetivação da pesquisa. Ela reside em Ariquemes, a 202 km de Porto Velho, onde mora

a autora do livro. Com isso, optou-se por uma entrevista online, no dia 24 de janeiro de 2024. Não houve dificuldade para a gravação. A entrevistada organizou-se para que a conversa fosse feita em local silencioso, sem interrupções e com boa internet.

Para análise das letras, fizemos uso das perspectivas de Pêcheux (2014) e Courtine (2014), buscando compreender o sentido político das letras selecionadas. Ambos os autores, indicam que é necessário compreender o contexto social vivido pelos sujeitos, para decodificar o que está materializado no texto.

Interseções de raça, gênero e classe no feminismo negro refletidas no rap

As contribuições de bell hooks (2019) são fundamentais para compreender o papel de mulheres negras como protagonistas sociopolíticas e seus reflexos no movimento hip hop. A autora argumenta que a experiência das mulheres negras é marcada por uma opressão dupla, que combina o racismo e o sexismo. Isso cria uma realidade única que muitas vezes é ignorada tanto pelo movimento feminista quanto pelos movimentos antirracistas tradicionais. Já a perspectiva interseccional retratada por Bilge e Hill Collins (2021) nos faz refletir sobre outras opressões vividas por Negra Mari, como o fato de ter nascido no interior de um estado nortista. Mari é natural de Cacaulândia, uma cidade com pouco mais de 6200 habitantes. Acentua-se assim exclusão geográfica em relação aos centros econômicos do Brasil. Ademais, Mari sofreu opressões de gênero, ao ser subjulgada por ser mãe solteira e bissexual.

Na abordagem específica sobre o rap, analisamos de forma ambígua esse movimento. Por um lado, observamos as contribuições dadas à luta contra o racismo a nível global, mas, por outro lado, tangenciamos críticas ao fato de serem negados determinados espaços para as mulheres negras expressarem as suas reivindicações.

Segundo Marques e Fonseca (2019), o hip hop é um movimento cultural que ilustra as intersecções entre gênero, raça, classe social e espaço. As autoras afirmam que o hip hop possui contribuições para a luta das mulheres por equidade, possibilitando seu autorreconhecimento e autoafirmação por meio da fala, afirmação da identidade e da denúncia das injustiças. De acordo com Matsunaga (2018), a mulher presente no discurso do rap, o gênero musical do hip hop, ocupa os papéis sociais de mãe e namorada, é valorizada por ser negra e batalhadora, é condenada por ser “objeto” e “vulgar”. Essas características sugerem uma representação da mulher vinculada a uma

ordem moral e social conservadora, que opera na distinção entre feminino e masculino, atribuindo, para o primeiro, o espaço privado, e, para o segundo, o espaço público.

De acordo com Marques e Fonseca (2019), são relatadas nas letras produzidas por mulheres as experiências pessoais delas, o preconceito sofrido e a oposição aos estereótipos. Apesar da predominância dos homens no rap e dos estereótipos que muitas vezes são afirmados por eles, a participação das mulheres tem crescido e elas estão realizando suas contestações, principalmente em relação ao sexismo.

O rap e o movimento hip hop em Rondônia

Em 2023, foi construído o inventário participativo do hip hop de Rondônia, para apresentar o histórico do movimento. O documento contém 11 capítulos que narram a origem e evolução do hip hop no estado. Neste documento está contida a informação de que o hip hop iniciou em Rondônia por volta de 1983 e 1984, por meio de grupos de breakdance. O inventário mesclou trabalhos acadêmicos já produzidos, com entrevistas e conteúdos em documentos. As mulheres são mencionadas e até participam do processo de produção, como são os casos das rappers Jhuka Andrade e Sandra Braids, mas observamos a necessidade de ampliar o protagonismo delas, devido ao fato de haver uma predominância masculina entre os nomes mencionados nos diferentes momentos da história do hip hop de Rondônia.

Em Porto Velho, a participação das mulheres em eventos de rap é baixa. A partir de pesquisa observante em quatro batalhas de rima, foi registrado que em apenas uma foi identificada a presença de uma jovem mulher e que durante a batalha com os homens ela foi por diversas vezes diminuída a papéis sexuais. Além disso, em 2023, durante as seletivas para o Duelo Nacional de MCs, que acontece anualmente em Belo Horizonte, a organização rondoniense do evento precisou proporcionar uma batalha exclusiva para as mulheres, intitulada Batalha das Manas, para cumprir a regra de ter pelo menos uma mulher na disputa estadual. O evento contou com apenas duas rappers inscritas: MC Zamma e MC Nanda. Além disso, a DJ Aranha e as rappers Gab e Soyash complementaram a programação da Batalha das Minas. As duas últimas rappers mencionadas não participaram da batalha, porque suas especialidades são letras previamente construídas e não os improvisos característicos das batalhas.

Negra Mari, uma liderança multifacetada

Negra Mari é uma mulher negra, periférica, mãe solo, ribeirinha, afroindígena, educadora popular e poetisa. Mari aborda o preconceito racial e denuncia a misoginia, transmitindo em suas músicas uma mensagem de empoderamento da mulher preta. Mari atua como rapper, produtora cultural e cineasta. Além de ser artista, ela lidera e encoraja outros jovens periféricos a também lutarem contra as diversas formas de opressão no contexto em que vive. Um exemplo disso é o fato de ser coordenadora do Slam, um campeonato de poesia e performance, na cidade de Ariquemes (RO).

Em suas letras, a artista aborda temas que retratam violências de gênero e a luta contra o racismo. A música "Preces" retrata a maternidade solo e a religiosidade de matriz africana como fontes de força e identidade, além de denunciar a exclusão social e os estigmas racistas que vinculam a mulher negra a posições subalternas. Já "Amélia Vs Geni", escrita após a eleição de Jair Bolsonaro, expressa medo e revolta frente a um governo que representa ameaças às mulheres negras, expondo a passividade exigida pela sociedade e o conflito com familiares apoiadores do presidente. A música contrapõe a submissão de Amélia à resistência de Geni, figuras simbólicas na luta contra o patriarcado.

Já "Preta Latina" é uma música gravada com recursos caseiros, que celebra a identidade afroindígena, ribeirinha e periférica da artista, expressando orgulho e resistência. Mari rejeita lugares de subalternidade como a "senzala" ou o "quarto de despejo", e afirma sua identidade preta com força. A música também retoma o termo "beradeira", ressignificado como símbolo de resistência amazônica. Com isso, articula raça, gênero, classe e território, construindo uma identidade interseccional de enfrentamento às estruturas coloniais.

Através da análise das letras e da entrevista com Mari, observa-se que suas vivências como ser mãe solo, negra, bissexual, periférica são transformadas em arte e discurso político. A artista enfrenta exclusões familiares, institucionais e sociais, mas se mantém firme em busca de transformações sociais.

CONCLUSÃO

O trabalho buscou responder como as letras de Negra Mari refletem o combate ao machismo e ao racismo em Rondônia, considerando sua trajetória de mais de vinte

anos no hip hop. A artista, além de cantora, atua como educadora popular e produtora, liderando eventos e projetos sociais. Sua produção musical é analisada como instrumento político e ideológico, marcado por metáforas e analogias que remetem a resistência negra, periférica e amazônica.

Concluimos que as letras de Negra Mari são discursos politizados que conectam vivências pessoais com debates teóricos do feminismo negro. Sua produção musical, marcada pela crítica social e afirmação identitária, mostra como o rap pode ser instrumento de transformação social, especialmente em contextos periféricos e conservadores como o de Rondônia. A voz de Mari é símbolo de resistência, que inspira e mobiliza outras mulheres negras, ampliando o alcance das lutas feministas e antirracistas na Amazônia e no Brasil.

REFERÊNCIAS

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68–80, jan./jul. 2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2025.

HOOKS, bell. (2020). **E eu não sou uma mulher?** : mulheres negras e feminismo. 4ª ed. Tradução Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. (2021). **Interseccionalidade.** Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo.

COURTINE, J.J. (2014). **Análise do discurso político:** o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar.

LIMA, Juliane da Silva. (2023). **Cultivando memórias do hip-hop: proposta de arquivo histórico em Rondônia.** Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia.

MATSUNAGA, Priscila Saemi. (2008). **As representações sociais da mulher no movimento Hip Hop.** *Psicologia & Sociedade*. v. 20, n. 1.

MARQUES, Ana Carolina dos Santos & Fonseca, Ricardo Lopes Fonseca. (2020). **A representação das mulheres no rap:** instituindo espacialidades, quebrando barreiras. *Revista do Departamento de Geografia*, 39, 25-37.

PÊCHEUX, M. (2014). Análise Automática do Discurso (AAD-69). In GADET, F; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. 5 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014, Cap. 3, p.59-158.